

SÃO LUIZ

TEATRO
MUNICIPAL
TEATROSAOLUIZ.PT

UMA CRIAÇÃO DE
RICARDO NEVES-NEVES
FILIPE RAPOSO

**BANDA
SONORA**

TEATRO
9-18
MAR 2018
ESTREIA



Entrem, sem medos, nesta floresta

À conversa com Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo, a propósito de Banda Sonora

Este espetáculo surge de um desafio do São Luiz para que trabalhassem os dois juntos. Já se conheciam?

Ricardo Neves-Neves: Só nos conhecemos no Chantiers d'Europe, em 2017, no dia do aniversário do Filipe. Descobrimos que fazemos anos um dia a seguir ao outro. Houve logo uma empatia e um conjunto de graças. A Aida Tavares [diretora artística do Teatro São Luiz] sabe que gosto de trabalhar com música e propôs-nos trabalharmos juntos. Foi um namoro arranjado e está a funcionar de forma muito feliz.

Entenderam-se de imediato sobre o que gostavam de fazer?

RNN: A criação foi muito partilhada, fomos percebendo o caminho, passo a passo, em vários encontros. Lancei algumas premissas, como a de termos seis atrizes, divididas em três pares com semelhanças físicas e vocais.

Filipe Raposo: O Ricardo trabalha os textos de uma forma muito rítmica e melódica. No nosso primeiro encontro, falámos da música da *ars nova* do Renascimento e uma das suas características é ter três vozes com independência temática, em termos de

escrita e também musical. A peça de abertura trabalha precisamente três textos independentes e três melodias independentes.

RNN: Foi quase como aqueles jogos de palavra-puxa-palavra. Ideia puxou ideia. A determinada altura, o Filipe fez uma relação com a banda sonora do cinema e pensei em cinema de horror. Tinha acabado de escrever a peça para a Mónica Garnel [*The Swimming Pool Party*, estreada no São Luiz em fevereiro] e fiquei com vontade de desenvolver a personagem que cresceu num orfanato. E começámos a ter ideia do ambiente de texto, do ambiente musical e do ambiente cénico. Já sabia que queria tratar alguns assuntos e outros foram suscitados quando ouvi a música que o Filipe ia compondo.

FR: Uma das premissas era que a música composta por mim pudesse influenciar a escrita do Ricardo. Encontrada a ponta da meada, foi puxar e puxar, com muita tranquilidade.

RNN: Somos profundamente diferentes um do outro, aquilo que procuro num espetáculo é diferente do que o Filipe procura, mas há um entendimento.

Essas diferenças também serão uma riqueza.

FR: É uma experiência altamente enriquecedora poder entrar noutra universo artístico e perceber a engrenagem. É isso que enriquece a humanidade: a diferença. Se tivéssemos vivido sempre na mesma tribo, se não tivesse havido

curiosidade de transgredir e entrar em território alheio, de roubar o fogo à outra tribo, não tínhamos evoluído... sem o Ricardo saber, já roubei algum fogo dele e isso ninguém me tira.

Descoberto o ambiente da peça, o que se seguiu no processo de criação?

RNN: Perceber por onde a música iria avançar começou a mexer com o meu gosto pela maldade e evoquei para aqui coisas da minha infância... de quando levava os meus amigos para debaixo das laranjeiras para lhes bater... das maldades psicológicas que fazia quando saía da casa de banho mascarado e dizia “eu sou o não sei quantos, matei o Ricardo e agora vou-te matar a ti”... Trouxe esse universo negro de maldade infantil, com uma certa ingenuidade... Estas meninas são órfãs e o desaparecimento dos pais é encantado mas também tenebroso e de sofrimento. O Filipe deu a uma das canções o título *Conto* e lembrei-me de escrever isto como se fosse um conto tradicional português ou as Fábulas de la Fontaine. Como um conjunto de metáforas que depois querem dizer outra coisa. Pela primeira vez, vi-me a escrever dessa maneira.

FR: Neste texto está a simbologia do crescimento. Tudo isto é um espelho daquilo que somos. É muito importante percebermos este texto simbolicamente, está cheio de metáforas riquíssimas.

Que metáforas, por exemplo?

RNN: Encontrámos um funcionamento destas personagens que tem muito a ver com a infância mas também com a relação com o adulto, com aquilo que se aprende, o que se aplica ao longo da vida, as consequências que isso traz, o que é isto de nos lançarmos para o mundo. Tem também a ver com a nossa solidão e com o facto de, às vezes, não termos unhas para a vida. Há aqui uma menina que tem uma avó com um problema na anca e por isso as suas pernas andam como os ponteiros do relógio. Ela percebe que, ao empurrar a avó, consegue manipular o tempo para andar para trás. Isso é um controlo da vida que não conseguimos ter, mas que é sempre uma grande ansiedade para qualquer pessoa. E vemos estas crianças sozinhas numa floresta e pensamos como é que há pessoas que têm força para andar. Essa melancolia está no espetáculo.

FR: São três pares de meninas, mas nunca sabemos se são duas pessoas ou apenas uma e se a voz que ouvimos simultaneamente é apenas um reflexo, um eco. Quando descobri a forma de trabalhar do Ricardo, pensei: “isto é música”. Ele trabalha a compor também. Numa banda sonora para cinema há texturas e elas podem influenciar o estado emocional e a forma como a cena é entendida por quem está na plateia. Aqui temos contrastes entre o que é o cheio orquestral e uma textura simples que faz um contraponto maravilhoso com o movimento de uma atriz.

Em que sentido diz que aqui escreveu de forma diferente, Ricardo?

RNN: Tenho sempre muito pudor em escrever a sério. Aqui tentei ocupar-me do género de escrita dos contos e das lendas. Vi-me com outra canção dentro da cabeça, outra voz, vi-me autor de um outro estilo, não “tu-cá-tu-lá” como habitualmente. É um género de fantasia mais calorosa, a querer abraçar estas crianças. Normalmente tenho uma forma de escrever mais “patega”. Uma vez o Jorge Silva Melo disse que escrevo “grotesco meigo” e fiquei mesmo feliz com essa expressão. É assim uma espécie de escrita para monstros simpáticos. E estas crianças são uns monstros simpáticos, fui mais fundo nessa questão do “grotesco meigo”.

Em termos de composição, também há novidades na sua música, Filipe?

FR: Há pouco tempo li um livro que falava sobre a importância de começar um trabalho, não com uma página em branco, mas com uma página escrita. A ideia foi partir das minhas referências, daquilo que são as grandes partituras de cinema, como as de John Williams, Hans Zimmer ou Bernard Herrmann. Estudei as bandas sonoras que escreveram, para perceber quando escreviam para a cena e quando a cena existia para a música. Há sempre uma irmandade entre imagem e música. Não é por acaso que Hitchcock

trabalhou sempre com Herrmann, até para *Os Pássaros*, que não tinha música, o chamou, para que fosse conselheiro de som, porque é alguém que escuta o mundo de outra forma. Esta peça não são só três duplas, há uma quarta dupla que somos nós os dois, atentos a coisas muito diferentes. É isso que as grandes parcerias têm de melhor: exponenciar o trabalho um do outro, sempre numa lógica coletiva.

No São Luiz terão um segundo projeto juntos.

RNN: Sim, também com a Orquestra Metropolitana. O Teatro do Eléctrico está a fazer 10 anos, quer dizer que enceno há 10 anos e já sei que um projeto com a duração de três meses não é suficiente para aprofundar relações artísticas. Faz sentido uma evolução em conjunto para daí tirar frutos. Aqui temo-nos entendido, mas ainda não tivemos a grande conversa e se calhar é no próximo espetáculo que vai haver uma reflexão indireta sobre este.

No palco, como funciona a dinâmica com os três grupos de meninas e a orquestra?

RNN: Temos três grupos de duas meninas e três grupos na própria cena. A orquestra funciona como uma massa e tem uma presença visual e sonora. Entre a orquestra e as meninas está o cenário que é a floresta e que funciona como símbolo. As atrizes estão à frente da floresta, porque não queria descolar da ideia de recital, da cantora à

boca de cena, queria muito trabalhar o cliché da ópera. E, por isso, elas fazem uma vénia depois de qualquer coisa mais elaborada.

FR: O texto, para as atrizes, é uma partitura. Para a orquestra uma partitura é um texto com indicações muito precisas de movimentos. São dois guiões para uma dramaturgia e complementam-se para servir o espetáculo.

RNN: Sempre que tenho músicos nos espetáculos faço questão que estejam no palco, porque há uma experiência que se está a perder: a de ver como os instrumentos musicais funcionam e como os músicos os tocam. Antes, era muito comum ver músicos a tocar, agora temos sempre música gravada. Gosto de oferecer esta coisa rara. E vê-los ali leva mais longe a fantasia. São criaturas da floresta que produzem música. E a música, como toda a arte, é aquela coisa que não serve para nada mas é essencial. Fazer música tem qualquer coisa de mágico.

FR: Era o que perguntava Hölderlin: “Para que servem os poetas em tempos de indigência?” Não vivemos apenas dos bens consumíveis, somos muito mais do que isso. A música em palco não só influencia quem está a ouvir na plateia, mas também os atores. Há ondas sonoras quando temos ali uma orquestra que não existem se tivermos música gravada. Esta música tem muito de ritual e, para mim, esta peça é sobre o crescimento da humanidade. Nas seis mulheres em palco está espelhada

a humanidade. E a música está lá desde o início, a peça começa com um instrumento de percussão e esse primeiro gesto inicial celebra o nascimento da humanidade, é o momento em que a humanidade ganha consciência dela própria.

Este texto é sobre o crescimento da humanidade?

RNN: Não sei se é exatamente sobre a humanidade, mas é sem dúvida sobre nós, sobre a vida. Passamos muito pouco tempo cá, é insuficiente. Levamos um terço da vida a dormir e outro terço a tratar da logística da vida, se o terço que sobra não é relevante então está qualquer coisa de muito errada. Cada vez me perturba o tempo só andar para a frente e não andar para trás, de perdemos tempo e vida. É tudo tão de passagem. Comecei a pensar nisto por causa das temporadas curtas das peças, da existência do artista e do objeto artístico, do teatro ser uma arte efémera, provisória. Perturba-me não vivermos de forma plena sempre. E estas personagens, ao mesmo tempo que têm uma vida profundamente melancólica, são alegres. E isso é o grande mistério. Parece que hoje temos vergonha de viver com alegria. Estas personagens são tristes e traumatizadas mas vivem alegremente. O mistério é esse: como é que isso se faz? Então, se calhar, sim... no fim, é sobre humanidade, esta peça.

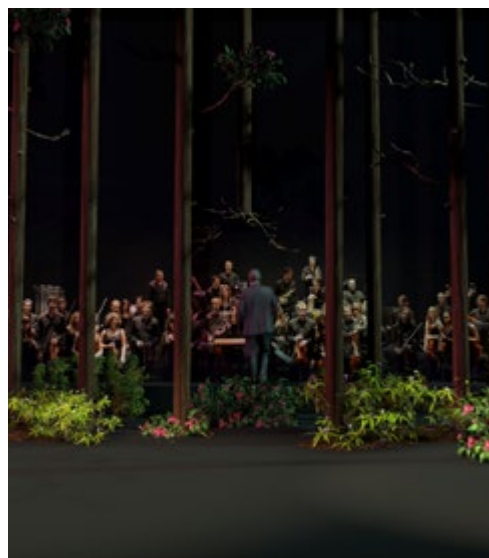
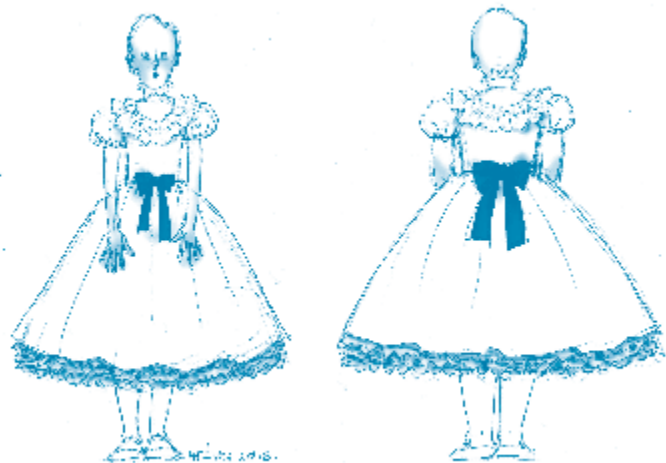
Entrevista realizada em fevereiro de 2018, durante os ensaios de *Banda Sonora*, por Gabriela Lourenço/Teatro São Luiz

O desvio

A caracterização, os figurinos e o cenário de Banda Sonora

“Imagine-se quem vêm à terra uns extra-terrestes ver como vivem os homens. Quando voltarem e reproduzirem o que aqui viram haverá sempre um desvio. Esse desvio é estranho – é sobre esse desvio que gosto de trabalhar. Mesmo na nossa vida existem caminhos paralelos que são diferentes. Descer do Marquês para o Rossio pela Avenida da Liberdade ou pela Rua de São José são experiências completamente diferentes, apesar do ponto de partida e do de chegada ser o mesmo. Procurei esse desvio também na estética do espetáculo. Na caracterização e nos figurinos, queria trabalhar ao mesmo tempo o belo e o grotesco, a alegria e a melancolia, a saúde e o decrépito; e, no cenário, o mistério, o tenebroso da floresta, do desconhecido, da sombra, e a natureza, a primavera florida e perfumada. São os contrastes normais da vida: ter medo e enfrentar... é o símbolo da vontade de viver.”

Ricardo Neves-Neves



Henrique Ralheta, responsável pela cenografia, levou para o palco um “fragmento de uma floresta romântica e tétrica”. Recorrendo a materiais naturais, como madeiras, troncos e galhos, optou por uma abordagem realista. “É um cenário naturalista, mas com características surrealistas, indo ao encontro do tom da peça”, sublinha.

Para os figurinos dos três pares de meninas em cena, Rafaela Mapril foi à procura de referências capazes de provocarem alguma estranheza: o quadro *Las Meninas*, de Velázquez, a Alice de Lewis Carroll, Isabel I de Inglaterra e as suas golas. Jogou com escalas, formas e distorções, criando vestidos volumosos, acima ou abaixo da cintura. “É tudo um pouco exagerado”, explica a figurinista. As pequeninas são as Alices no País das Maravilhas, diz, “prontas para fazer a primeira comunhão”. Já as médias distinguem-se por serem “as mais românticas, ligeiramente pirosas”, enquanto as grandes são “as mais obviamente estranhas”. “Todas elegantes e preparadas para uma ocasião especial”, resume Rafaela Mapril.



São necessárias, pelo menos, três horas e meia para caracterizar as atrizes de Banda Sonora. Cidália Espadinha conseguiu inventar a uma técnica de caracterização à base de latex que permite dar às personagens o realismo e o detalhe exigidos pelo texto – cabeças deformadas, penugens, veias e derrames visíveis no rosto, manchas de pigmentação, cabelos com peladas – e que torna possível a sua reutilização em todas as sessões do espetáculo. Um verdadeiro “trabalho de laboratório”, como define Cidália Espadinha, que juntou uma equipa de seis pessoas para fazer a caracterização nesta peça.

9 a 18 mar
**BANDA
SONORA**
UMA CRIAÇÃO DE
**RICARDO NEVES-NEVES
FILIPE RAPOSO**

Quarta a sábado, 21h; domingo, 17h30
Sala Luis Miguel Cintra
€12 a €15 (com descontos €5 a €10,50)
m/14; Duração: 1h

18 março, domingo, 17h30:
conversa com a equipa artística após o espetáculo, moderada por Rui Pina Coelho (docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

LGP AD 18 março, 17h30

Texto e Encenação: Ricardo Neves-Neves;
Composição e Orquestração: Filipe Raposo; Interpretação: Ana Valentim, Joana Campelo, Márcia Cardoso, Rita Cruz, Sílvia Figueiredo e Tânia Alves Com: Orquestra Metropolitana de Lisboa;
Maestro: Cesário Costa; Direção vocal: João Henriques; Sonoplastia: Sérgio Delgado; Desenho de luz: Pedro Domingos; Cenografia: Henrique Ralheta; Figurinos: Rafaela Mapril; Caracterização: Cidália Espadinha; Coreografia e Movimento: Sónia Baptista; Fotografias: Alípio Padilha; Assistência de Encenação: Rafael Gomes; Segundos assistentes de encenação: Cristiana Simões, Diana Matias e Solange Brás; Produção/Comunicação: Mafalda Simões

Coprodução: Cine-Teatro Louletano, Teatro do Eléctrico e São Luiz Teatro Municipal



Teatro do Eléctrico é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal - Ministério da Cultura/ Direção-Geral das Artes e pela Câmara Municipal de Lisboa e Câmara Municipal de Loulé



parceiros



O Bilhete Suspenso nunca esgota. Saiba mais em bilheteira@teatrosaoluz.pt/ 213 257 650

São Luiz Teatro Municipal Direção artística Aida Tavares; Direção executiva Joaquim René; Programação Mais Novos Susana Duarte; Adjunta direção executiva Margarida Pacheco; Secretária de direção: Soraia Amarelinho; Direção de produção Tiza Gonçalves (Diretora), Andreia Luís, Bruno Reis, Margarida Sousa Dias; Direção técnica Hernâni Saúde (Diretor), João Nunes (Adjunto); Iluminação Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim; Maquinistas António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira; Som João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Salas, Rui Lopes; Responsável de manutenção e segurança Ricardo Joaquim; Direção de cena Marta Pedroso (coordenadora), José Calixto, Maria Távora, Ana Cristina Lucas (Assistente); Direção de comunicação Elsa Barão (Diretora), Gabriela Lourenço, Nuno Santos; Relação com públicos Mais Novos Inês Almeida; Bilheteira Ana Ferreira, Cristina Santos, Renato Botão